

# Sociedade utópica dos jesuítas e dos Guaranis

Projeto revolucionário dentro da Colônia portuguesa, as missões do Sul ganham abrangente análise em livro de luxo e CD-Rom

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE – As Missões Jesuíticas no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai ganharam a mais abrangente análise e historiografia com o livro *Missões Jesuítico-Guaranis*, editado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), vinculada exatamente à Companhia de Jesus. Na edição de luxo, bilíngüe, português e inglês, de 160 páginas e 190 fotos, a obra mostra as missões como o “ardente sonho de igualdade fraternal”, segundo definição do historiador Décio Freitas. Elas foram chamadas por Voltaire de “triunfo da humanidade” e comparadas, por Montesquieu, à República idealizada por Platão. “Um modelo de sociedade justa e fraterna”, segundo sintetizou o reitor da Unisinos, padre Aloysio Bohnen, que editou o livro pelos 30 anos da universidade.

A comemoração também promoveu o lançamento de um CD-Rom de reconstituição computadorizada da redução de São Miguel Arcanjo (também conhecida como São Miguel das Missões, capital dos Sete Povos). Oito painéis, do artista plástico Paulo Porcella (aluno de Aldo Locatelli), também foram inaugurados, retratando desde a entrada dos jesuítas no Brasil, a vida do fundador, Santo Inácio de Loyola, e as próprias missões.

Uma das marcas notáveis das missões foi a visão e prática coletivista dos índios Guaranis, obrigando os jesuítas a se adaptarem a eles. A vida coletiva e solidária nas *reduções* jesuíticas (porque os índios eram *reduzidos* à fé e à civilização), como apontou o historiador Décio Freitas, tornou-se forte ameaça aos impérios de Por-



As ruínas de São Miguel, um dos símbolos das missões: prática coletivista dos índios era combatida por Espanha e Portugal

tugal e Espanha, “baseados no colonialismo e escravidão”. Nas reduções, pela cultura Guarani, não havia propriedade privada ou do solo, produzia-se apenas para as necessidades essenciais e as decisões eram coletivas, como observou o historiador Barbosa Lessa.

As missões foram depois combatidas e destruídas pela ação conjunta dos quase sempre rivais reinados de Portugal e Espanha, num genocídio bárbaro que deixou apenas ruínas. Esses sítios arqueológicos das antigas reduções foram tombados pela Unesco como patrimônio da humanidade. O pesquisador e padre paraguaio Bartolomeu Melià apontou que as missões decretaram seu próprio

fim ao se tornarem um projeto anticolonial dentro da colônia.

O jornalista Renato Dalto, responsável pelo texto, levantou as 23 missões iniciais nos quatro países, que começaram em 1607 no Paraguai, acrescidas meio século depois com as reduções mais famosas no Brasil, as dos Sete Povos das Missões, criadas no Rio Grande do Sul, ao longo dos seus 170 anos de duração. São elas as de São Francisco de Borja, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo Custódio e as quatro onde ainda restam ruínas: São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e São Nicolau.

As ruínas de São Miguel das Missões, com sua catedral missioneira, são os mais conhecidos

símbolos das missões. A igreja tinha três naves – a mais freqüente nas missões, segundo conta o arquiteto Nestor Torelly –, com 25m de altura e 73m de comprimento. No total, foram criados 30 povos vivendo em 490 mil quilômetros quadrados dos quatro países do Mercosul, mas a maior parte, com 308 mil km<sup>2</sup>, ficava no Brasil. As missões chegaram a abrigar 150 mil pessoas nas 30 reduções, um sucesso desde que os espanhóis entregaram aos jesuítas a missão de pacificar os Guaranis, como observou o padre arqueólogo Ignácio Schmitz.

Em cada missão, o templo religioso ficava no centro, com a praça e as casas dos índios ao redor.

Ao lado do templo, a casa dos padres, as oficinas de arte e trabalho, o cemitério, o pomar e a horta e o Cabildo, local de reunião do conselho de caciques Guaranis. Nessas missões, segundo Renato Dalto, realizou-se “uma experiência única na história da humanidade: a união entre um mundo civilizado e um mundo selvagem”. Mais de 400 jesuítas atuaram ao longo dos 170 anos das missões.

A perseguição e destruição das missões não apagaram seus legados culturais e econômicos. Das novidades trazidas pelos padres jesuítas e também da cultura dos Guaranis das missões vieram a arte da cerâmica, do couro, do bronze e da pedra. A arte missioneira é

singular inclusive pelo isolamento em que viviam as reduções, como observou o poeta e crítico de arte Armindo Trevisan. Dali também surgiram ou se desenvolveram instrumentos musicais, como a harpa, o oboé, violino, trompas, clarins e flautas, e o canto coral, decorrente também do pendor musical dos Guaranis. No incentivo à carpintaria e ferraria, surgiram imagens de santos, utensílios domésticos e esculturas em pedra e outros materiais. Nas missões desenvolveu-se o urbanismo, a arquitetura, a tipografia (os primeiros livros argentinos provêm das missões) e até um observatório astronômico.

Os jesuítas deixaram conhecimentos de geografia, zoologia, botânica e informações detalhadas sobre etnias, línguas e costumes dos Guaranis. O livro mostra também que certas tradições se mantêm até hoje: das missões surgiu o cultivo intensivo da erva-mate e o costume gaúcho do chimarrão e do chá paraguaio, assim como o hábito do churrasco e o cultivo de uvas para vinhos. Os padres trouxeram novidades aos Guaranis no aproveitamento melhor da terra, desde a enxada, o arado até técnicas de adubação, irrigação e rotação de culturas.

O Projeto Teko'a (querência, na língua guarani) busca preservar as ruínas jesuíticas, enquanto na Argentina instituições do patrimônio histórico desenvolvem convênios com órgãos da Espanha e Itália para recuperação das reduções. No Paraguai, as ruínas de Santíssima Trindade foram restauradas ou reconstruídas. O livro e o CD-Rom, que custam R\$ 110, podem ser encontrados, no Rio, na Livraria Prefácio (tel.: 508-9797). Ou através da Unisinos, pelo telefone (51) 590-8238.

Arquivo